

A HISTÓRIA CULTURAL E O REGASTE DAS SENSIBILIDADES URBANAS.

Samuel Lucas Peixoto¹

Yago Felipe Campelo de Lima²

RESUMO: É nosso objetivo neste artigo discutir sobre a cidade como objeto de estudo, não a partir de uma perspectiva descritiva, ou quantitativa, mas a partir de uma busca de vestígios imateriais como o sensível, as sociabilidades, as representações e o imaginário que extrapolam o campo do material, do físico, do quantificável, mas que possuem um modo específico de exteriorização que nos permite a análise científica deste fazer humano dentro do espaço urbano. Tendo como norte a abordagem historiográfica culturalista, apoiamo-nos nas contribuições teóricas de PESAVENTO, CHARTIER, RAGO e BARROS, a fim de apreendermos de forma mais consistente as muitas questões pertinentes a história cultural e o fenômeno urbano.

PALAVRAS- CHAVE: história cultural, cidades, sensibilidades.

ABSTRACT: It is our goal in this article discuss the city as an object of study, not from a descriptive perspective, or quantitative, but from a search immaterial remains as sensitive, the sociability, representations and imagination that go beyond the field material, physical quantifiable, but have a specific way of externalization that allows the scientific analysis of human activity within the urban space. With the north to culturalist historiographical approach. We rely on the theoretical contributions of PESAVENTO, CHARTIER, RAGO and BARROS, in order to apprehend more consistently the many issues pertaining to cultural history and urban phenomenon.

KEY WORDS: cultural history, cities, sensibilities.

INTRODUÇÃO

“Pensar com o sentimento, sentir com a mente”. Este foi o tema da 52.^a Exposição de arte internacional realizada em Veneza em 2007. A frase acima nos faz um convite. Um convite a percorrer um caminho não tão tradicional no fazer científico.

Este pensamento nos convoca a um ato de coragem, dizemos coragem, pois pensar com o sentimento e sentir com a mente pode não ser uma forma tão fácil, quando se pretende a produção científica do conhecimento.

Durante muito tempo a historiografia foi marcada por uma escrita meramente descritiva. A problemática em questão muitas vezes só narrativa, atendia às exigências da academia e ao entendimento de mundo. Predominou sobretudo no século XIX e início do XX, uma história já conhecida, antes mesmo do pesquisador chegar a conclusão do seu trabalho. Estrutura, superestrutura, macroeconomia, política, história dos grandes acontecimentos e nomes, eram mais que comuns no espaço do saber histórico. Sentir com a razão e pensar com o sentimento, talvez nunca tenha sido uma preocupação para alguns historiadores.

Porém, o século XX, momento conturbado e intenso na história da humanidade, nos mostrou o peso e a rapidez de suas transformações. Sendo este também marcado pela crise da razão e do racionalismo. Este período da história trouxe à tona a irracionalidade contida no próprio uso da razão. A razão atingia então o apogeu do seu declínio e limitação. Foi o século do questionar e do reelaborar de antigos paradigmas. O século XX foi sem dúvida um impulsionador para o repensar da história enquanto saber e ciência.

Parece-nos que a história-historiografia acompanhou esse ritmo de mudanças. Talvez eram os indícios de uma outra forma de pensar e problematizar a história, porque não dizermos que uma nova roupagem tomava conta dos domínios de Clio? Eram os indícios do pensar com o sentimento, e do sentir com a mente.

Os Annales lançaram as bases desse novo jeito de se ver e examinar a história, deixando muito claro suas limitações bem como suas possibilidades. A interdisciplinaridade proposta permitiu a ciência da história um maior contato com outros campos do saber, que lhes legaram também uma compreensão mais ampla do próprio histórico. As ideias propostas pelos Annales podem ser resumidas da seguinte forma:

Em primeiro lugar: a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando contemplar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a

sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social e tantas outras. (BURKE, 2010:12)

Era um convite a um repensar de nossa prática historiográfica. A história-problema era um pré-requisito na pauta dos Annales. Urgia uma história problematizada, uma história dos menos favorecidos, dos não-vistos, dos silenciados, do micro, do indivíduo. Proposta esta que ia de encontro aquela história macro, universal, apenas política e dos grandes nomes. Era a proposta de uma história-problema, para além do convencional.

Emergia uma história que voltava-se aos acontecimentos buscando-os compreendê-los a partir de suas especificidades, sem uma pretensão de explicação *a priori*. Uma história para além do estruturalismo enclausurador altusseriano. Segundo Rago esse era um momento em que “se tornam visíveis os sinais de esgotamento do marxismo como modelo privilegiado de interpretação do passado” (RAGO, 1999:74).

Com isso, não queremos transmitir a ideia de inutilidade historiográfica marxista, são apenas paradigmas que abordam a história sob perspectivas diferentes e muitas vezes com objetos diferentes.

A partir de um novo olhar sobre a história, a abordagem culturalista ganha destaque na historiografia, sendo por exemplo no Brasil responsável por 80% da produção historiográfica. Logo, algumas questões em torno dessa abordagem são sempre levantadas: qual o diferencial teórico-metodológico desta abordagem? Por que tem crescido tanto entre os historiadores? Quais são os problemas e temas mais levantados na área da história cultural? Esses são alguns dos mais comuns questionamentos acerca da Nova história cultural.

Há quem a defina apenas como uma espécie de modismo acadêmico, algo que veio com prazo de validade determinado como pensava o grande historiador Ciro Flamarion Cardoso. Também há aqueles que a acusam de fazer uma história das coisas banais, sem relevância para a sociedade. E por fim de que promove uma história acrítica, que não denuncia a opressão ou omite as questões de classe.

Porém e com muito respeito, discordamos do professor Ciro Flamarion, pois acreditamos que a História Cultural não é um “modismo” historiográfico com tempo de vida definido, mas se assim fosse diríamos que essa moda tem impregnado a cabeça de muitos pesquisadores e historiadores, e seu crescimento a cada ano entre os historiadores nos mostra que essa “moda” veio pra ficar.

Esta maneira de se produzir História tem se apresentado como um campo rico de estudo para o historiador, bem como uma abordagem que tem suscitado inúmeras inquietações nos pesquisadores que tentam desvendar o turbilhão de informações que estas novas temáticas trazem em torno si. Segundo Pesavento nunca se produziu ou se leu tanto História como atualmente, e grande parte do que é lido e produzido é na vertente da História Cultural.

Novas temáticas e discussões ganharam espaço na produção historiográfica, segundo Rago:

Das questões femininas e do gênero à masculinidade, da sexualidade às relações raciais, da história do público ao privado, da ciência à religiosidade e a magia, da cultura erudita à cultura popular e a mídia, da história social à história cultural, assistimos a uma crescente produção acadêmica, criativa, instigante e polêmica, nas últimas décadas (RAGO, 1999:74).

Talvez não sejam totalmente novas essas questões, como afirmam alguns e com certa razão, “no entanto passam a ser renovados através das questões colocadas sobre estas temáticas e das novas interpretações a que são submetidas” (RAGO, 1999:79).

Do indivíduo ao coletivo, do micro ao macro, do singular ao plural, das sensibilidades às representações, do amor ao ódio, do urbano ao rural, das cidades às moradias, das praças às sociabilidades, do *Cabaré ao lar*³, do projeto da santa-mãezinha à prostituta, dos entrosamentos à segregação, da cooperação à opressão, da educação ao analfabetismo, da infância à maturidade, eis aí as muitas possibilidades de campos de pesquisa para o historiador que opta por esta forma de se pensar a história.

Mediante esse hall de possibilidades da história cultural, e da multiplicidade das temáticas abordadas, temos presenciado uma grande ascensão dos estudos sobre a cidade e o fenômeno urbano, como objeto de pesquisa e destaque entre os historiadores. O urbano tem encantado devido à complexidade e a multiplicidade de fenômenos que tem manifestado.

É nosso objetivo neste artigo discutir sobre a cidade como objeto de estudo, não a partir de uma perspectiva descritiva, ou quantitativa, mas de uma busca de vestígios imateriais como o sensível, as representações e imaginário que extrapolam o campo do material, do físico do quantificável, mas que possuem um modo específico de exteriorização que permite a análise científica deste fazer humano dentro do espaço urbano.

Não é nossa pretensão afirmar que a cidade como temática, é cria da história cultural. Ela já foi em vários momentos objeto de análises, mas sem esse enfoque culturalista que aqui propomos. Como podemos falar de cidade, e não citarmos a célebre e clássica obra de Fustel de Coulanges; *A cidade antiga*, escrita em 1864? Apesar de escrita no século XIX, ou seja muito antes da história cultural surgir como corrente historiográfica, a cidade já era objeto de estudo de muitos historiadores. Talvez em *A cidade antiga*, vemos os primeiros *insights* de uma abordagem culturalista, mas não é este nosso foco de discussão no momento.

É incontestável o espaço que as cidades ganharam nos novos domínios de Clio. O século XXI tem nos reservado um espaço abrangente de discussão sobre o fenômeno urbano, e é sobre a cidade que nos debruçaremos e buscaremos tecer algumas reflexões possíveis. Conforme Barros:

São talvez os indícios de uma nova tendência a enxergar a cidade a partir de uma multiplicidade de aspectos e que, no decurso do século XX, passa a instigar nos sociólogos e historiadores as mais variadas imagens para uma aproximação do fenômeno urbano. Reconhecer estas diversificadas bases imaginárias a partir das quais se lança o estudioso, nos seus esforços de perceber o fenômeno urbano, constituirá um ponto de partida particularmente interessante para construir um panorama sobre a reflexão urbana no século XX. (BARROS, 2012:18)

A CIDADE EM UMA DIMENSÃO METAFÍSICA.

Desde a fundação e o surgimento das primeiras cidades na História da humanidade, atribuída aos sumérios, povos que habitaram o sul da antiga Mesopotâmia, onde atualmente encontram-se as regiões do Iraque, que estas trazem consigo e em torno de si uma gama de significados e representações. Pensar cidades e suas complexidades, implica perceber que estas são bem mais que meras demarcações territoriais e construções humanas erigidas ao longo do tempo.

As cidades fascinam e encantam como disse Pesavento, e a maior prova de tal afirmação são os inúmeros trabalhos de pesquisa e escrita sobre essa temática que não param de crescer a cada dia, suscitadas, sobretudo pelo advento da Nova História Cultural e a ascensão de suas temáticas entre os historiadores e pesquisadores.

As cidades nesta perspectiva são bem mais que simples prédios, avenidas, praças, viadutos, casas ou construções empreendidas por seus moradores. Ampliando os olhares veremos que ela é antes de tudo o lugar dos sonhos e das utopias, dos fracassos e das façanhas, das euforias e das angústias, dos medos e incertezas, lugar de sensibilidades.

... a cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones, e etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos... Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados... (PARK, 1979:26)

Sua dimensão é tal, que torna-se impossível ao atravessarmos não sermos atravessados por ela. A cidade é intrínseca ao habitante. Tomamos aqui as palavras do historiador Adilson Filho:

“Ao fazer, simbolicamente, a travessia pela minha cidade, sou por ela também atravessado. Atravessado por sonhos e imagens do passado e por desejos que me instigam a apropriar-se dela no presente, e quem sabe, estar sempre tramando o seu futuro” (ADILSON FILHO, 2009:47).

A cidade é também o palco das muitas práticas e sentimentos religiosos, é por excelência o lugar da manifestação do sagrado. Lugar dos templos e terreiros e espaços dedicados ao transcendental. Lugar de evocação ao divino, dos hábitos religiosos. Lugar das procissões e cantos que invadem as ruas como demonstração de fé e espiritualidade.

Espaço de troca de experiências religiosas, de sons presentes e marcantes em seus muitos cultos. Cidade, lugar de peregrinação, de devoção, do valor incomensurável do sagrado na terra. Lugar das comemorações em devoção aos santos, lugares do imaginário mítico. Lugares de monumentos dedicados ao sagrado, e portanto reverenciados.

É o lugar do sentimento de pertencimento ao local em que se reside, dos entrosamentos, dos atores sociais que a compõem, é também o lugar das notícias corriqueiras do dia-a-dia, dos temores, das múltiplas representações. Cidade que também é o palco dos fatos que viram notícias entre a população; acidentes, economia, política, eventos, esportes e lazer.

É ainda a cidade, sensibilidade e dinâmica, o resultado da construção cultural e social dos seres humanos ali residentes.

Para Pesavento a cidade é também:

... sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos... A cidade é concentração populacional... cidade lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais. (PESAVENTO, 2007:14)

Inúmeras são as definições para este lugar que denominamos de cidade. Assim sendo um tecido sempre renovado de relações sociais como citado anteriormente, vamos compreendendo que a urbe não carrega e nem traz consigo uma homogeneidade, um perfil apenas para caracterizar as diversas partes existentes dentro de seus limites, talvez uniformidade seja uma conceito limitado para explicar qualquer cidade do mundo.

Mesmo um determinado número de pessoas, pertencendo territorialmente a um mesmo lugar e compartilhando de pontos em comum, isso não significa falar de homogeneidade, é portanto, necessário compreender que quando falamos de cidade, falamos de diversidade, multiplicidade, diferenças e contrastes. A urbe ela é uno ao mesmo tempo em que é múltipla.

Sendo assim, podemos perceber e enxergar a cidade sob seus diferentes ângulos, e dizer que ao mesmo tempo em que comporta sonhos, desejos, integrações e utopias, concomitantemente ela condensa as injustiças, a desigualdade, a segregação, a exclusão, entre tantas outras definições. Esta cidade é a mesma que se auto representa, através de seus membros (governantes e população), ora como moderna ora como conservadora, ou talvez como sendo a mistura desses dois elementos, ela também legitima a partir de seus valores dominantes aquilo que supõe ser bom ou ruim, feio ou belo, legal ou ilegal, limpo ou sujo, moral ou imoral.

Para a legitimação e criação desse espaço múltiplo que é a cidade, as elites cidadinas recorrem aos discursos ditos oficiais - partindo do pressuposto de que o que prevalece é aquilo que vem de cima - para a construção de imagens e representações “verdadeiras” sobre si mesma e sobre tudo aquilo que nela contém.

Recorrem aos discursos, pois também por meio dele cria-se, imagina-se e representa-se a cidade desejada. O discurso segundo Foucault não é pouca coisa como

pensam alguns, ele controla, seleciona, organiza, redistribui e estigmatiza. A cidade é pois, um lócus de pronunciamentos, um emaranhado de discursos diversos.

Concomitantemente é também esta mesma cidade o lugar da *exclusão*, ou melhor, *das* exclusões. A mesma em sua rotina segrega, legítima ou não aquilo que lhe convêm. E tais representações de segregação construídas nunca são neutras e sem intencionalidades, pois trazem consigo uma série de pretensões de quem as produz, é o que nos conta Bourdieu:

As representações do mundo social assim constituídas, que classificam a realidade e atribuem valores, no caso, ao espaço, à cidade, à rua, aos bairros, aos habitantes da urbe, não é neutra nem reflexa ou puramente objetiva, mas implica atribuições de sentidos, em consonância com relações sociais e de poder. (BOURDIEU apud PESAVENTO, 1995:279).

Assim compreendemos que as representações criadas na e sobre a cidade, servirá de norte tanto para as classes dominantes, bem como para as massas, no vê e dizer sobre a mesma. Embora não acreditemos que tais representações sejam homogêneas e unânimes entre a própria cidade, afirmamos que são muitas vezes ressignificadas por aqueles que as ouvem e veem, dando-lhes a interpretação pessoal e própria. Portanto as representações criadas com pretensões “universais” pelas elites, não cumprem totalmente com sua finalidade. Os sujeitos urbanos pensam, entendem, ressignificam.

A CIDADE COMO UM TELEFONE SEM FIO.

Embora os sujeitos da cidade estejam imersos em um mar de representações, que em sua maioria lhes são impostas pelas classes dominantes, estes mesmos sujeitos não são totalmente passivos, possuem também um papel ativo na construção destas representações sobre o urbano. O indivíduo também expressa a sua subjetividade na forma como “lê” esta cidade, de modo autônomo e ressignificado, contrariando aquela ideia de inércia do indivíduo frente a sua realidade social e histórica.

Tomamos como um exemplo metafórico, a simples e conhecida brincadeira do telefone sem fio, tão praticada entre as crianças, para demonstrar como funciona essa ressignificação das representações. Aquilo que é dito pela primeira pessoa da ponta inicial do “telefone”, na maior parte da vezes já é entendido no meio da “corrente” distorcido de sua forma original. A última pessoa da brincadeira geralmente entende e pronuncia, o discurso inicial de forma totalmente divergente do proposto pelo primeiro

participante, por uma série de razões. A conturbação do ambiente, o barulho que pode interferir na escuta, bem como o modo de falar do que enuncia e a forma como ouve, interpreta e fala ao próximo participante.

Podemos então traçar um paralelo entre o enunciado do primeiro participante e o discurso oficial das elites. Comparamos o entendimento dos próximos participantes da brincadeira com os habitantes “comuns” da cidade. Que ao ouvirem este emaranhado de discursos os ressignificam, demonstrando sua representação de mundo ou nesse caso da cidade. O barulho do ambiente e dos participantes na brincadeira, pode ser comparado aos momentos de excitação e conturbação da cidade, de exaltação e de exteriorização de paixões, angústias, raiva que o levarão a entender esses muitos textos da cidade de forma difusa e ao entender, dizer diferente.

Deduzimos assim que por mais que as elites da cidade tentem projetar um retrato oficial sobre o que é esta cidade, utilizando para isso diversos mecanismos tais como, a mídia, os discursos políticos, as leis que a regulamentam, os monumentos, a grande constelação de instituições, a população nem sempre enxerga esta mesma cidade da forma pretendida, pintada, planejada, construída pela elite. Antes, cria uma imagem da cidade como uma colcha de retalhos, costurada a partir dos tecidos que lhes são oferecidos ou impostos, e que são organizados a partir da ressignificação do indivíduo.

A CIDADE COMO UM LUGAR DE SENSIBILIDADES.

Obviamente neste tecer de representações sobre a cidade, estão presentes as sensibilidades de seus moradores, externalizadas nos diversos espaços. Externalizadas, pois acreditamos que só é possível compreender e interpretar tais sensibilidades pelos vestígios que elas nos deixam impressas nos mais variados espaços urbanos. As sensibilidades humanas são entendidas aqui como esta categoria em que se enquadram as emoções, os valores, as subjetividades. Sendo impossível porém, recuperar as sensibilidades tal qual ela foi vivenciada e experienciada pelos homens em outras temporalidades.

Conforme Pesavento:

Recuperar as sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do

vazio, do silêncio. [...] o mundo do sensível é difícil de ser quantificado, mas é fundamental que seja buscado... Ele incide justo sobre as formas de valorizar, classificar o mundo ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais. Em suma as sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos (PESAVENTO, 2005, p. 7).

Exemplificaremos essa relação de sensibilidade entre o indivíduo e a cidade a partir de um acontecimento interessante que ocorreu em uma quarta-feira, 16 de março de 2014, na cidade de Caruaru-PE. Em que um grande relógio tradicional, localizado em um espaço importante da cidade, a Avenida Rio Branco, e construído em 1969, foi derrubado, devido a interesses de um projeto de urbanização proposto pela prefeitura e realizado de forma autoritária.

Aparentemente, era apenas mais uma demolição comum para a (re) organização de espaços urbanos. Porém, para muitos cidadãos caruaruenses aquela demolição era também a destruição de parte da memória do povo, pois ele comportava uma gama de significados e representações, sobretudo para os mais velhos, e frequentadores da Rio Branco. O relógio fazia parte do cotidiano das pessoas. Quantos ao passarem por esta avenida não olhavam para a hora que indicava o grande relógio? O relógio já possuía lugar marcado no imaginário de muitas pessoas. Era também cartão-postal, e lugar de algumas fotografias.

Ao saber da demolição, muitos mostraram sua indignação. A mídia ao entrevistar frequentadores daquele espaço, agora simbolicamente vazio, retratava de forma muito nítida a insatisfação, a revolta, a raiva e até mesmo a tristeza com o ocorrido. Emoções estas demonstradas, pois, o relógio possuía não apenas um valor material, mas representativo e até simbólico. O relógio comportava história. A queda do relógio gerou lágrimas.

Assim pois:

A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realiza na e por causa da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em lugar, ou seja, portador de um significado e de uma memória... são ainda os processos mentais de representação da

realidade que nos permitem inventar o passado e construir o futuro.
(PESAVENTO, 2007, p. 14 e 15)

Um outro relógio foi construído no mesmo lugar do antigo, mais moderno, mais imponente, digital. Ele informa a hora, a data, a temperatura e até mesmo alguns anúncios, mas jamais ele será o antigo relógio e ocupará na memória dos habitantes o mesmo lugar que seu antecessor ocupava. Ele não despertará as mesmas emoções despertadas outrora. Aquele antigo relógio não ocupava um simples espaço, mas sim um lugar, um lugar no imaginário, um lugar na história da cidade. O novo relógio poderá ocupar lugar semelhante ao antigo? São respostas que só a dinâmica citadina nos trará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A historiografia mudou. Isso é inconteste. Clio vaga sem roteiro pelas ruas das cidades, esbarrando nos inesperados, conclamando seus amantes a uma aventura perigosa de busca, pelo saber mais. Na esperançosa tentativa de ajudar os homens em sua missão de saber de onde vieram, como chegaram, para quem sabe, possam saber para onde irão.

O Brasil vivenciou a partir dos anos 90 do último século, uma verdadeira virada historiográfica nos domínios de Clio. A história cultural se apresentou como uma nova proposta tanto teórica como metodológica. Não na tentativa de sucumbir ou negar formas outras de se fazer história, mas como uma contribuição ao próprio ofício do historiador. Ampliando olhares, preenchendo lacunas, dando voz a silêncios que gritam para serem ouvidos. Dando relevância aos pequenos e invisíveis da sociedade, ao que não pode ser tocado, apenas sentido.

Reconhecemos suas limitações, mas acreditamos sobretudo na sua afirmação e consolidação nos domínios de Clio. Pois se assim não for, quem irá resgatar as lágrimas daqueles que choraram com a demolição do relógio? Quem irá trazer à tona aquele sentimento de revolta daquele que viu o “seu” monumento cair e com ele as memórias de um tempo passado? Quem poderá mostrar o papel ativo dos cidadãos no processo de ressignificação das representações sobre a cidade? Para tal empreitada, por que não uma história sensível das cidades?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADILSON FILHO, José. **A Cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belojardinense**. Recife: COMUNIGRAF, 2012.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2012.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Texto publicado com permissão da revista *Annales* (NOV-DEZ. 1989, nº 6).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: edições Loyola, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. *Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, junho de 2007.

_____. **História e história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

_____. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [en ligne], Colloques, mis en ligne le 04 février 2005.

RAGO, Margarethe. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **A “Nova” Historiografia Brasileira**. Porto Alegre, n.11, julho de 1999.

_____. **Prazer e perdição: a representação da cidade nos anos vinte**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 7 nº 13, set.86/fev.87.

RAMOS, Alcides Freire; SANTOS DE MATOS, Maria Izilda; PATRIOTA, Rosângela. **Olhares sobre a História**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

¹ Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA). Professor da rede privada de ensino. E-mail: samucz@hotmail.com.

² Graduado em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA). Mestrando em História pela UFCG. Professor da rede pública de ensino. E-mail: sr.yagofelipe@hotmail.com.

³ Título de um dos trabalhos mais importantes da historiadora Margarethe Rago: *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*.